

A língua portuguesa de Angola: descrição dos processos de formação de palavras com base em textos literários

The portuguese language of Angola: description of word formation processes based on literary texts

Cinthia Aparecida Lemes¹

Resumo

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa de História e Descrição de Língua Portuguesa do grupo de pesquisa da PUCSP. Este artigo segue a linha do grupo de pesquisa História e Descrição da Língua Portuguesa da PUCSP, descreve os processos de formação de palavras e o neologismo da língua portuguesa angolana com foco na morfologia derivacional com base em textos literários do escritor Luandino Vieira (2006). A discussão desse tema se mostra relevante porque busca identificar em quais aspectos a língua portuguesa angolana possui marcas próprias que a distanciam da variação da língua portuguesa de Portugal. Os resultados da análise mostraram que a grande parte dos processos derivacionais da língua angolana foram baseados na língua nacional quimbundo, havendo acréscimos de sufixos e desinências, como plural, por exemplo, da língua portuguesa e houve também muitas ocorrências de neologismos de forma.

Palavras-chave: *Língua portuguesa de Angola. História de Angola. Neologismos*

Abstract

The present work is part of the research line of History and Description of Portuguese Language of the research group of PUCSP. This article follows the line of the research group History and Description of the Portuguese Language at PUCSP, describes the word formation processes and the neologism of the Angolan Portuguese language with a focus on derivational morphology based on literary texts by the writer Luandino Vieira (2006). The discussion of this topic is relevant because it seeks to identify in which aspects the Angolan Portuguese language has its own brands that distance it from the variation of the Portuguese language in Portugal. The results of the analysis showed that most of the derivational processes of the Angolan language were based on the Kimbundu national language, with additions of suffixes and endings, such as plural, for example, of the Portuguese language and there were also many occurrences of form neologisms.

Keywords: *Portuguese language from Angola. History of Angola. Neologisms*

Recebido em: 16/02/2021

Aceito em: 30/04/2021

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2258-1796>

Introdução

Este artigo segue a linha do grupo de pesquisa História e Descrição da Língua Portuguesa da PUCSP, descreve os processos de formação de palavras e o neologismo da língua portuguesa angolana com foco na morfologia derivacional. Nele, analisa-se o livro de contos *Luanda* de Luandino Vieira (2006), que é composto por três histórias: *Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos*, *Estória do ladrão e do papagaio* e *Estória da galinha e do ovo*. Para essa análise, foram escolhidos os dois primeiros contos da obra. Neles, o autor humaniza as pessoas que moram em *musseques*, bairros humildes da capital de Angola, destacando o modo peculiar desses moradores de ver a vida e, principalmente, dando destaque ao modo particular da fala corrente. A justificativa da escolha desse autor foi fundamentada pela participação de Luandino em uma literatura mais próxima do povo, com reflexões sobre a História, sobre a sociedade angolana e seu cotidiano. Esse autor participou de um período chamado de literatura engajada que reflete sobre vários problemas sociais e os períodos de dificuldades econômicas, políticas, ou, de guerra pelos quais um país ou pessoas experimentaram.

A reflexão partiu da problemática se havia uma variante linguística angolana, uma Língua Portuguesa Angolana, com diferenciações da variante do Português Europeu e Brasileiro. Nesse sentido, observou-se, o uso da língua, com histórias que descrevessem o cotidiano, tendo como foco o campo morfológico, mais especificamente, o campo da formação de palavras. Objetivou-se, portanto, verificar como a variante do português angolano se concretiza em alguns de seus textos escritos, em especial, no que se refere aos aspectos da morfologia derivacional. Para tanto, será preciso refletir sobre a história de Angola e dar aporte teórico para analisar os contos escolhidos.

Como esta reflexão trabalha com textos escritos, tem-se a clareza de que é uma representação escrita da língua portuguesa angolana, mas não é a reflexão do estado linguístico de toda a língua portuguesa falada em Angola, pois as palavras escritas nos contos, de certo modo, acabaram passando pelo crivo do autor que selecionou apenas as mais usuais e já “cristalizadas” no uso corrente da linguagem para dar voz as suas personagens, mas isso não tira a importância desses escritos.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira parte, é construída a fundamentação teórica com reflexões sobre a morfologia da língua portuguesa, mais especificamente, refletimos sobre os tipos de morfemas, morfemas lexicais e flexionais, além de tratar de neologismos, gírias, entre outros aspectos. Entretanto, antes, são abordadas as questões do multilinguismo angolano e as etnias que existem (iram) em Angola em um panorama para melhor entendimento. Na segunda parte, são abordados aspectos da biografia do autor, suas contribuições para a literatura; são feitas uma síntese dos contos e uma análise de trechos escolhidos de cada um deles.

Reflexões sobre a língua portuguesa de Angola

Os pesquisadores, ao estudarem as formas que assumiu a língua portuguesa falada na África, na Ásia e na Oceania, constataram dois tipos de variedades linguísticas: as CRIOULAS e as NÃO CRIOULAS. As primeiras (as crioulas) são resultantes do contato da língua portuguesa com os sistemas linguísticos indígenas a partir do século XV.

Houve um afastamento em relação à língua-mãe gerando uma nova variação

linguística da língua portuguesa. Tudo começou com uma simples derivação, empréstimos linguísticos e neologismos que depois foram se incorporando à língua portuguesa dando-lhe características diferentes da língua original. As variações não crioulas caracterizam-se como “de um português com base na variação europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de um vocábulo proveniente das línguas nativas, e a que não faltam características próprias no aspecto fonológico e gramatical (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 21).

Segundo Ribas, foram as camadas populares que geraram um modo característico de falar, “por característicos de seu falar materno, usam o tom fechado. Em resultado, proferem cônego, bôla, cêu. E as vogais, por idêntica razão, soando distintamente: Jô-a-quim, mê-lan-cia. Portanto, não existindo vogais surdas, mesmo no final de palavra”. (RIBAS, 1994, p. 01).

Em relação à semântica, também houve alterações no português de Angola, como, por exemplo, o verbo dormir que, além de ter o sentido de “estar sob efeito do sono”, tem o sentido de “permanecer durante a noite” (RIBAS, 1994).

O autor dá exemplos de vocábulos que existem na língua portuguesa de Angola tanto utilizando o plural no original quanto obedecendo à gramática da língua portuguesa como nas palavras a seguir: *rimbondo* (singular), *marimbondo* (/ -ma/ prefixo de plural na língua quimbundo) ou *rimbondos* (plural segundo as regras da língua portuguesa), mas isso não significa que pluralizem só a portuguesa, tendo, portanto, “uma forma de pluralização híbrida que só é adaptada pelo nativo evoluído que domine o vernáculo”. (RIBAS, 1994, p. 02).

As línguas e os grupos étnicos de Angola

Em Angola, a língua portuguesa é a língua veicular falada pela maioria da população sendo, também, um importante fator de unidade nacional, e o idioma materno de muitos angolanos, principalmente das novas gerações. Em relação ao grupo étnico banto é grande a diferença entre os povos, e é a etnia mais importante em Angola. Sua distribuição territorial abrange todo o país, sendo encontrados membros desse grupo em várias províncias. As subdivisões desse grupo são as seguintes:

1. Grupo Etnolinguístico Quinongo (Kikongo ou Conguês);
2. Grupo Etnolinguístico Quimbundo (Kimbundo ou Tymbundi);
3. Grupo Etnolinguístico Luanda-Quioco (Luanda-Kioco Ou Luanda Tshokwe);
4. Grupo Etnolinguístico Umbundo (ou Ovimbundo);
5. Grupo Etnolinguístico Ganguela (ou Ngangela);
6. Grupo Etnolinguístico Nhaneca-Humbe (ou Nyaneka-Lunkumbi);
7. Grupo Etnolinguístico Ambó (ou Vaambo também designado Xik Wanyama);

8. Grupo Etnolinguístico Herero (ou Tyherero);
9. Grupo Etnolinguístico Xindonga (ou Oshindonga).

Esses subgrupos possuem diferenças de ordem linguística, possuem uma língua do tronco banto e são diversos os grupos espalhados pelo território angolano. Subdividem-se em centenas de outras etnias menores sendo a distinção entre eles apoiada em diferenças dialetais.

Multilinguismo em Angola

O multilinguismo é o fenômeno linguístico que mostra, em um país, existirem várias línguas e as pessoas se comunicarem em várias delas; é o ato de falar ou de promover que várias línguas sejam faladas em um país. Angola possui muitas línguas sendo oito as mais faladas e consideradas até no Jornal Nacional do país.

Em um país multilíngue, há sempre uma língua majoritária que acaba ganhando um prestígio social maior do que as demais línguas dependendo da posição social que ocupam os seus falantes. Em Angola, a língua nacional mais prestigiada é o quimbundo, embora seja a segunda língua mais falada, pois é a língua falada na capital do país, Luanda. Guimarães (2008, p. 22), há distinções entre os tipos de línguas existentes que são:

Língua materna: é a língua cujos falantes a utilizam pelo fato de a sociedade em que nascem a praticar; nessa medida ela é, em geral, a língua que se apresenta como primeira para seus falantes.

Língua nacional: é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a esse povo.

Língua oficial: é a língua, institucionalmente reconhecida, de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações formais do Estado, nos seus atos legais.

Observa-se que o especialista define esses termos observando o contexto linguístico brasileiro. No entanto, podemos analogicamente estabelecer as mesmas reflexões para o cenário linguístico angolano também. Isso mediante ao que foi exposto na secção anterior sobre o multilinguismo étnico de Angola. A grande maioria das pessoas possui uma língua materna, pois está inserido em um grupo étnico, no entanto, obrigatoriamente também aprendem à língua portuguesa, que é a língua oficial do país e a língua em que todos os documentos oficiais são publicados e divulgados. A maioria das pessoas estão inseridas em um contexto bilíngue, que aprendem a sua língua materna e depois aprendem a língua portuguesa, ou, ainda, há os que aprendem duas ou mais línguas nacionais concomitantemente por seus pais serem de etnias diferentes e também aprendem ao português. Para o contexto linguístico angolano, essa prática é bastante notável, principalmente em cidades interioranas.

Há lugares que possuem dois modos de funcionamento de línguas a mais, a saber:

Língua geral: trata-se de uma língua constituída a partir de línguas

indígenas e que eram praticadas no contato entre índios de tribos diferentes e para o contato com os portugueses. Eram, portanto, línguas francas.

Língua franca: é aquela que é praticada por grupos de falantes de línguas distintas; é uma língua comum entre aqueles que falam línguas diferentes. (GUIMARÃES, 2005, p. 22)

Essas duas últimas situações eram bastante comuns no período da colonização em Angola.

Morfologia da língua portuguesa

A morfologia é o campo da gramática que estuda a estrutura ou a forma das palavras, analisando as regras que regem sua estrutura interna e verificando também as novas possibilidades que podem surgir e seus sentidos, pois elas podem ser combinadas e recombinadas a fim de formar novos termos, conceitos e sentidos.

Abaixo, temos o poema concreto de Augusto de Campos, escrito em 1956, que, por meio de um jogo de palavras, permite a combinação das partes de várias palavras. As partes, quando recombinadas, expressam novos conceitos e significados, sendo necessário considerar-se que cada “pedaço” da palavra que já contém em si um significado, como se pode observar com o afixo cujo valor acaba alterando o sentido de uma nova parte quando postos juntos, formando um vocábulo.

No poema de Augusto de Campos, podem-se formar as palavras:

| | | |
|-----|-----|--------|
| Com | Tem | Contém |
| Som | Bem | Tensão |
| Tom | Sem | Também |
| | | Cantem |

O conceito de léxico e a morfologia lexical – formação de palavras

O léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua. Na lexicologia clássica, o estudo do léxico tem por objetivo o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada palavra, no presente e no passado. A visão do léxico como um conjunto arbitrário de palavras ou itens lexicais é corrente não apenas nas abordagens tradicionais, mas também no que se chama de senso comum. (BASILIO, 2003, p. 07)

O morfema lexical é, portanto, uma parte invariável do vocábulo que não tem flexão, é a base de uma palavra primitiva que se pode transformar em derivada ou composta, pois, dentro da morfologia lexical existe o processo de derivação e composição que são os processos de formação de palavras. É a partir deles que se podem formar outras palavras ou identificar palavras de mesma origem.

Carone (2006, p. 37), ao tratar da formação de palavras, inicia com o conceito de composição e afirma que “é um procedimento pelo qual uma construção sintática se mobiliza, dando origem a uma unidade cristalizada”. No que se refere à derivação, ela explica que “é um procedimento gramatical mais produtivo para o enriquecimento do léxico”. E acrescenta que esse procedimento acontece “sobre apenas um morfema lexical, ao qual se articulam formas presas, os afixos: em posição anterior, os prefixos; em posição posterior, os sufixos”. Sobre o processo de formação de palavras existe a derivação que pode ser:

a) Derivação prefixal = prefixo + palavra-base. É a derivação que ocorre quando ao morfema lexical (o semantema) é acrescentado um prefixo. Os exemplos são **compor**, **desleal**, **infeliz**, entre outros.

b) Derivação sufixal = palavra-base + sufixo. É quando ao morfema lexical (semantema) é acrescentado um sufixo. Exemplos: **maquinaria**, **bebedouro**, **maldade**, entre outros.

c) Derivação parassintética = prefixo + palavra-base + sufixo. É quando o semantema recebe ao mesmo tempo um prefixo e um sufixo. No entanto, sem o prefixo ou o sufixo, a palavra não existe na língua portuguesa. Exemplos: **enriquecer**, **ajoelhar**, **embarcar**, entre outros.

Outras formas de alteração do léxico em relação a sua grafia ou pronúncia são:

1) A crase é a fusão de duas vogais em uma só. Ex: minha alma (minhalma)

2) A elisão ou sinalefa é a queda da vogal átona final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal. Ex: minha infância (mi-nhin-fân-cia).

3) A ditongação é a fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando um ditongo. Ex: grande amor (grandia-mor);

4) A sinérese é a transformação de um hiato em ditongo. Ex: crueldade (cruelda-de);

5) A diérese é a transformação de um ditongo em hiato. Ex: saudade (sa – u – da – de). A diérese pode ser indicada por trema nas semivogais i e u; (vaídade, saúdade).

6) A eclipse é a queda de um fonema nasal final para que haja crase ou ditongação. Ex: com o = co; com os = (cós).

7) A aférese é a queda de um fonema inicial. Ex: inda (em vez de ainda), ‘stamos (em vez de estamos).

8) A síncope é a queda de um fonema no meio da palavra. Ex: esp’rança (por esperança), dev’ria (por deveria).

9) A apócope é a queda de fonema no fim da palavra. Ex: mármore (em vez de mármore), cárcer (por cárcere).

10) A prótese é o acréscimo de fonema no início da palavra. Ex: alevantar (por levantar), amostra (por mostra).

11) A epêntese é a adição de fonemas a no meio da palavra. Ex: blatta que na evolução da língua ficou barata.

12) A paragoge ou epítese é o acréscimo de fonema no final da palavra. Ex: cantare (por cantar).

13) A diástole é a deslocação do acento para sílaba seguinte. Ex: Cleopatra (em vez de Cleópatra).

14) A sístole é o inverso da diástole: deslocação do acento para a sílaba anterior. Ex: Dário (por Dario).

15) A metátese é a transposição de um fonema na própria palavra. Ex: vairo (por vário).

Neologismo

Neologismo é o fenômeno linguístico que consiste na criação de palavra ou expressão nova ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Ele resulta de necessidades comunicativas, surgindo da dificuldade de o falante não encontrar na língua a palavra adequada para expressar suas ideias. Para essa criação, o usuário utiliza-se dos processos de formação de palavras que ele conhece, por fazerem parte de sua gramática internalizada.

Existem dois tipos de neologismos: o de forma e o de sentido. O neologismo de forma ocorre quando uma palavra vem de outro idioma gerando agregação de novas palavras na língua como, por exemplo, a palavra mouse e e-mail que foram incorporadas ao português do Brasil da língua inglesa e as palavras musseques e cubata que foram incorporadas ao português de Angola da língua quimbundo. No caso do neologismo de sentido é aquele em que as palavras já existem na língua, ganham outros sentidos quando postas para descrever uma nova ação do homem. As palavras neológicas se fixam na língua por questão de necessidade e uso.

José Luandino Vieira – vida e obra

Luandino Vieira (2006) fez parte de um grupo chamado de *novos intelectuais* que lutavam por mudanças socioeconômicas e que colocavam temas para ser discutidos pela população. A infância e adolescência do autor foram passadas em *musseques* (Braga, Makulusu e Quinaxixe). Esses espaços deixaram marcas no autor, que se identificava com a cidade de Luanda. A obra escolhida para análise é da década de 1960, período de início de lutas pela independência do país.

Em relação à língua portuguesa, Luandino afasta-se da convenção da língua portuguesa, adotando um novo padrão de escrita centrado em uma estética mais irreverente, muito próxima da maneira como os escritores modernistas brasileiros faziam ao se aproximar do falar das gentes da terra. Assim, o autor se apropria do modo de falar das pessoas dos *musseques*, não como um projeto de negar a língua portuguesa imposta pelo

colonizador, mas de mostrar o modo livre e afirmativo das pessoas.

Em Luandino, a ausência de alguns nexos subverte a sintaxe convencional, demolindo paradigmas do “bem falar” da língua do outro.” Ou seja, ao misturar no léxico expressões em quimbundo e impor à gramática certo desalinho, decorrente da mesclagem de estruturas, o falante angolano exercita a sua capacidade de transitar entre dois códigos numa demonstração de competência. (CHAVES, 1999, p.169).

Contextualizando o espaço e tempo de Luandino Vieira, destacamos que *Luuanda* (2006) insere-se no período dos inícios das revoltas populares contra o regime colonial de 1961. Com essa luta, as pessoas começaram a sair do meio rural e foram para o meio urbano em busca de melhores condições de vida. Com a falta de moradia e os preços dos aluguéis de casa muito altos, as pessoas construíam residências precárias, sem nenhuma organização urbana, em regiões pobres (os *musseques*). O autor observou de perto o sofrimento das pessoas que não tinham empregos dignos e passavam constantemente fome.

Em 1961, o cenário de Angola estava complicado, com vários interesses sendo discutidos e vários movimentos surgindo para defendê-los. Esse ano foi de ajuste de contas em Angola, pois despertou toda a população rural, que percebeu a quantidade de injustiças que existiam em seu país. Para os portugueses, 1961 foi o ano em que a tranquilidade para eles estabelecida, perdeu-se o equilíbrio; foi o ano no qual minou o poderio dos colonos sobre aquela nação. Aconteceram vários ataques e começaram as perseguições contra os colonizadores.

***Luuanda* - descrição**

Conforme dito anteriormente, *Luuanda* é um livro composto por três histórias: a primeira história é a narração de um adolescente chamado Zeca Santos que vive com sua avó e narra o seu drama em conseguir um emprego. O moço é muito vaidoso e, embora não tenham nada para se manter, quando ele recebe algum dinheiro, dos pequenos ofícios que arranja, gasta com indumentárias para impressionar as moças. Ele comprara para si uma camisa *amarela de desenhos de flores coloridas, essa camisa amarela que tinha-lhe custado o último dinheiro e provocado uma grande maca com vavó.* (Vieira, 2006, p.15)

A narrativa gira em torno da busca pelo trabalho do rapaz e do fato de a avó e o neto passarem fome. Zeca sai algumas vezes para procurar emprego, mas, porque pertencia a um bairro não muito bem visto e por seu parentesco, não arruma nada. Ele se apaixona por uma moradora do *musseque* que se envolve com outro rapaz morador do mesmo lugar que tem mais condições que Zeca. O menino fica triste com a situação e se empenha com mais afinco na caçada pelo emprego, mas se frustra logo em seguida. A única colocação que ele consegue é a de carregador de sacos (*monangamba*) ganhando miseravelmente pelo serviço. A história acaba de um modo brusco e sem perspectiva de mudança da situação social, com o diálogo de Zeca e sua avó após o rapaz haver perdido a possibilidade de ter um relacionamento com a sua amada Delfina. A fome continua a reinar naquela *cabata* (casa) e o desemprego também.

A segunda história é de um homem que rouba seis patos de um sítio em uma noite e

é preso por um *cipaio*. É um relato do encontro de três marginalizados (dois angolanos e um cabo-verdiano) na cadeia: XicoFuta, aquele que sabe das coisas, Garrido Fernandes, aleijado de paralisia infantil, e Lomelino dos Reis, que tem mulher e dois filhos e rouba patos porque não o autorizam a um trabalho honrado. Os três descobrem o valor da solidariedade para escapar da situação desesperadora em que vivem. Há um foco no cajueiro do *musseque* que aparentemente é o único elemento que dá vida para o lugar e o autor descreve-o da seguinte forma:

um pau velho e bom, quando dá sombra e cajus inchados de sumo e os troncos grossos, tortos, recurvados, misturam-se, crescem uns para cima dos outros, nascem-lhe filhotes mais novos, estes fabricam uma teia de aranha em cima dos mais grossos e aí é que as folhas, largas e verdes, ficam depois colocadas, parece são moscas mexendo-se, presas, o vento é que faz. E os frutos vermelhos e amarelos são bocados de sol pendurados. As pessoas passam lá, não lhe ligam, veem-lhe ali anos e anos, bebem o fresco da sombra, comem o maduro das frutas, os *monandengues* roubam as folhas a nascer para ferrar suas linhas de pescar e ninguém pensa: como começou este pau? Olhem-lhe bem, tirem as folhas todas: o pau vive. (VIEIRA, 2006, p.59, grifos do autor)

O símbolo da MPLA (Movimento pela Libertação de Angola) é o cajueiro, que indica a resistência, ainda que no meio da destruição. Esse ideal de resistência está descrito no seguinte trecho do conto:

Fiquem malucos, chamem o tractor, ou arranjem as catanas, cortem, serrem, partam, tirem todos os filhos grossos do tronco-pai e depois saiam embora, satisfeitos: pau de cajus acabou, descobriram o princípio dele. Mas chove a chuva, vem o calor, e um dia de manhã, quando vocês passam no caminho do cajueiro, uns verdes pequenos e envergonhados estão a espreitar em todos os lados, em cima do bocado grosso, do tronco-pai. (VIEIRA, 2006, p.59-60)

Podemos perceber no texto também a preocupação do autor quanto aos verdadeiros sentimentos de apego aos costumes e à tradição, quando se recomenda que se deve começar pelas coisas da terra, "costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos casos, das conversas" (Vieira, 2006, p.61). Nesse sentido, o autor reflete sobre princípios para a construção da identidade nacional, a formação da personalidade na vivência familiar e no grupo étnico, bem como pela educação.

Também há no conto o fato de o português ser visto como uma língua apenas de trabalho pelas pessoas que vivem em Luanda: quando se queria excluir os falantes da língua portuguesa, usava-se o quimbundo. O exemplo disso está no trecho a seguir, quando o auxiliar da prisão está conversando com um dos personagens, ele fala e cumprimenta em português, mas depois passa a usar a outra língua:

Nem *uazekelékíé-uazekakiambote*, nem nada, era só assim a outra maneira civilizada como ele dizia; mas também depois ficava na boa conversa de patrícios e, então, aí o quimbundo já podia se assentar no meio de todas as palavras, ele até queria, porque para bem-bem português não podia, o exame da terceira é que estava lhe tirar agora e por isso não aceitava falar português de toda a gente, só queria falar o mais superior. (Vieira, 2006, p.50)

O autor mostra por meio do segundo conto como as pessoas viam a língua portuguesa em 1961: “Dosreis não gostava falar com os amigos e só foi explicando melhor, baralhando as palavras de português, de crioulo, de quimbundo, ele sozinho é que tinha entrado lá, agarrado os bichos para o saco e tudo” (Vieira, 2006, p.53). O que se pode ver nessa citação é que a língua portuguesa era uma língua veicular, mas não era bem quista pela população no geral. Esse povo que não tivera acesso aos estudos, e, antes de 1960, poucas eram as pessoas que de fato tinham acesso aos estudos e sabiam ler. A educação não era para todos mantendo-se, assim, o sistema colonial de organização político-econômica do país.

Luuanda – análise

Para fazer a análise das obras, convencionou-se o destaque no trecho do termo que será analisado e, em seguida, faremos a sua citação. Em negrito será dado este destaque para facilitar a leitura. As primeiras aparições no livro corresponderiam ao empréstimo linguístico ou neologismo de forma: “Primeiro, um vento raivoso deu **berrida** nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do **Kuanza**. Depois, ao contrário, soprou-lhes do Kuanza para cima da cidade e do **Mbengu**. (Vieira, 2006, p. 11, grifos nossos). Contextualizando essa passagem, tem-se que as pessoas reclamam a falta de chuva que há dois meses não cai na região. As palavras em destaque fazem parte da composição geográfica de Angola; sendo a primeira, o nome de um rio muito extenso e segunda, uma cidade. O rio Kuanza fica ao norte de Luanda e está a aproximadamente a 200 km de distância. O nome desse rio também é dado à moeda nacional, apesar de sua grafia ser diferenciada: Kwanza. Já a região de Mbengu, é uma aldeia, lugar de pessoas humildes vindas a maior parte de regiões rurais de Angola.

No segundo trecho, “Na hora que Zeca Santos saltou, empurrando a porta de repente, e escorregou no chão lamacento da **cubata**, **vavó** pôs um grito pequeno, de susto, com essa entrada de **cipaio**.” (Vieira, 2006, p.13), aparece a palavra *cubata* que quer dizer casa; aparecem também as palavras *vovó* ou *vavó* e *cipaio*. As palavras *cubata* e *cipaio* são empréstimos linguísticos: a primeira palavra é originada da língua quimbundo e significa, casa. No caso da palavra, *cipaio* é um termo que foi incorporado à língua portuguesa com as viagens dos portugueses as Índias. Originalmente, em híndi, a palavra era escrita como *shipahi* e, nas Índias, designava os soldados hindus que serviam no exército britânico; na África, a palavra designava soldados da cavalaria e soldados locais.

Na palavra *vavó*, de origem quimbundo, ocorre a prótese, que é o acréscimo de um fonema no início de uma palavra, ao termo *avó*. Esse acréscimo (fonema [v] expressa o modo afetivo do neto de se referir à sua avó. Na descrição, o autor compara a ação do menino ao entrar de um modo brusco dentro de casa à de um soldado do MPLA que não pedia licença para as pessoas, e nem eram cordiais naquela época. Logo, criou-se uma palavra típica do português angolano pela alteração da estrutura da palavra portuguesa.

No fragmento a seguir: “Nem **maquezo** nem nada! **Aiuê**, minha vida! (Vieira, 2006, p.14, grifos nossos), aparece o vocábulo *maquezo* designa uma espécie de pasta que se mastigava pela manhã, feita à base de cola e gengibre; A interjeição *aiué*, dependendo da entonação, pode significar surpresa, alegria, zombaria, pena ou sofrimento. No caso da frase acima significa sofrimento. É uma interjeição muito usada para se lamentar a respeito de algo. Ambos são casos de empréstimos linguísticos no Português de Angola,

caracterizando-se como outro caso de neologismo de forma.

No fragmento apresentado, a palavra *monangambas* significa pessoa que se dedica a todo trabalho pesado como o carregador, o serviçal e o estivador. A expressão era bastante utilizada na época do colonialismo e referia-se a pessoas que executavam trabalhos pesados, eram explorado e tinham uma subvida, semelhante à de um escravo. Ela é de origem quimbundo sendo um empréstimo linguístico, do tipo neologismo de forma. Também é um neologismo de forma a a expressão “sukuma!” que é uma interjeição que significa: poça! caramba! porra! Ela é muito utilizada na coloquialidade e não existe nenhuma alteração de seu idioma original, o quimbundo, caso representativo de um empréstimo linguístico, considerado como neologismo de forma.

Já no terceiro trecho, a palavra *Icolibengo* é a pessoa natural de Icolo e Bengo, região próxima a Luanda. Seu processo de formação é a composição por aglutinação, uma vez que termo Icolo, na constituição da nova unidade, sofre alterações em sua estrutura interna. Já a palavra *mangonbeiros* vem de *mangonha* que significa preguiça. *Mongonbeiros* seria, portanto, uma derivação sufixal, na qual se acrescenta o sufixo **-eiro** originado da língua portuguesa à palavra da língua quimbundo, representando os homens preguiçosos.

Vemos que Vieira percebe a apropriação da língua portuguesa pelos moradores dos *musseques* que acrescentam sufixos às palavras nacionais. Outro fenômeno simular acontece no trecho a seguir:

Nessa hora de quase cinco horas as folhas **xaxualhavam** baixinho e a sombra estendida estava boa, fresca, parecia era água de **muringue**. Sentado nas pedras negras do fumo, Zeca Santos esperava Delfina mirando ansioso, a porta da fábrica. Tinha combinado com a pequena, nesse dia ela ia pedir mais cedo, iam dar encontro, Zeca queria adiantar essas falas do baile de sábado. Delfina **merengara** muito bem com ele e quando o conjunto, depois, rebentou com a música do “Kabulu”, ninguém mais lhes agarrou, quase o baile ia ficar só deles os dois, toda a gente parada a assistir-lhes, vaidosos e satisfeitos. (Vieira, 2006, p.30, grifos nossos)

Nesse fragmento, a palavra *xaxualbar* é um verbo que descreve o barulho que o vento faz ao agitar as folhas. Essa palavra é de origem quimbundo e seu processo de sua formação no Português de Angola é por onomatopéia sendo a imitação do som do vento é reproduzida pela repetição do som consonantal [j] (xê) e pela presença do som consonantal [ʎ] (lhê) e pela oposição entre os sons vocálicos [a] e [a^w], conjunto sonoro que recria o som do vento em movimento. Ainda sobre o trecho anterior, encontramos a expressão, “água de muringue”, em que *moringue* é uma bilha de barro para refrescar a água, daí o significado de água fresca. Essa palavra vem do quimbundo *muringi* e no Português Brasileiro originou a palavra *moringa*. No Português de Angola pode ser considerado um empréstimo linguístico, dada a proximidade com o termo original. No contexto da história, destaca-se que a água era um bem precioso para aquela população que estava há dias vivendo a seca pela falta de chuvas. *Merengara* é um neologismo que vem do substantivo merengue que seria um doce feito à base de ovos. No contexto, a moça se “deliciara” com o rapaz, ou seja, dançara com ele e se divertira ao som de Kabulu.

Vavó Xíxi **muxoxou** na desculpa, continuou varrer a água no pequeno quintal. Tinha adiantado na **cubata** e encontrou tudo parecia era mar: as paredes deixavam escorregar barro derretido; as canas começaram

aparecer; os zircos virando chapa de assar castanhas, os furos muitos. (Vieira, 2006, p.13); E despede-o com um **muxoxo**, a conversa com esse homem pode ser de perigo se lhe dá confiança, o rapaz tem fama. (Vieira, 2006, p.20, grifos nossos)

No trecho apresentado acima, aparecem as palavras *muxoxou* e *muxoxo*. Segundo o glossário feito por Luandino Vieira, no final do livro, *muxoxar* significa fazer um ruído de desprezo, indiferença com os dentes e os lábios. Muxoxo pode também significar a ação de dar um beijo em alguém ou ser um resmungo. No trecho escolhido, *muxoxou* representaria o fato da Vavó Xixí ter resmungado uma desculpa a seu neto; a continuação a palavra *muxoxo* significa beijo. *Muxoxou*, *muxoxo* e *cubata* são palavras oriundas da língua quimbundo, mas a primeira é derivada da segunda, ou seja, de muxoxo surgiu o verbo muxoxar. Outro fenômeno de transformar um termo do quimbundo em verbo, vem do trecho que se analisa a seguir:

Ri os dentes brancos dela, parece são conchas, **xuculula-lhe**, mas não é raiva nem desprezo, tem uma escondida satisfação no fundo desse revisar dos olhos bonitos e, no fim de semana, aponta a esteira, quase séria: - Brinque com Joãozinho, Abel! Se Bastos Ferreira sabe as suas palavras... você, Abelito, vai sujar as calças! (Vieira, 2006, p.20, grifos nossos)

No trecho anterior, aparece o verbo *xuculular* que descreve o barulho que o vento faz nas folhas ao passar por elas. A palavra *xuculular* é uma derivação sufixal acrescentando-se a desinência verbal à palavra de origem africana e o pronome indireto “lhe” como a regra na língua portuguesa de próclise.

Para os lados do colégio das mães o sino começou tocar devagar e o sol, na hora de dar **fimba** no mar, descia vermelho e grande. O vento a soprar, brincalhão, nos troncos dos paus, trouxe nas orelhas dele, doloridas da chapada, o grito de Delfina, lá de baixo, do princípio do morro, só as cores bonitas do vestido de chita é que se viam bem no meio das folhas: - Não tens vergonha, seu merda?! Estás magrinho parece és bordão de **ximbicar!** Até faz pena! (Vieira, 2006, p.37-8, grifos nossos).

A expressão dar *fimba* no mar significa mergulhar. É uma palavra de origem quimbundo representando um empréstimo linguístico. Já a palavra ximbicar vem da palavra ximbica que é um cordão para prender embarcação, fino, mas forte. Da palavra *ximbica*, originou-se um verbo de primeira conjugação.

Mano Maneco comia, sorria, o trabalho de muitas horas pusera-lhe fome grande, mas não parava de falar as pequenas, os bailes, a motorizada **cadavez** ia lhe comprar mesmo lá no serviço, mas Zeca mirava só os dentes do amigo, amarelos também do azeite, os beijos brilhantes de gordura, e nem que falava, ele mesmo, Zeca Santos, que só sabia esses assuntos de farras e pequenas! Só que a força da barriga é muita e, na hora das bananas, não conseguia aguentar. Aí a voz do caniço, falou fingindo não estava dar importância: - Banana, sim. Fruta eu não tive tempo de comer. O **maximbombo**, sabe, Maneco... (Vieira, 2006, p.26, grifos nossos)

Maximbombo é um veículo que pode ser desde um ônibus de viagem que leva muitos

passageiros até as populares “lotações” do Brasil que levam menos passageiros. É um empréstimo linguístico da língua quimbundo já citada aqui nos outros trechos analisados. No trecho, aparece ainda a palavra *cadavez* que embora tenha o mesmo significado que no português do Brasil, na obra ela não é grafada na mesma forma podendo ser uma opção estilística do autor em fazer uma representação do modo rápido de falar dos angolanos. Dessa forma, o autor acabou compondo uma palavra nova, ou seja, ele formou uma palavra por justaposição, dado que as palavras que se uniram não sofreram alterações em sua estrutura.

Nessa hora em que deram entrada aí na loja e Maneco cumprimentou só Sá pedindo dois almoços, o que custou em Zeca foi aquela mentira que saiu **logo-logo**, nem mesmo que pensou nada, nem ouviu ainda o bicho do estômago a reclamar, só a vergonha é que começou as palavras que arrependeu depois: (Vieira, 2006, p.25, grifos nossos)

No trecho, aparece uma palavra que é formada pela repetição: *logo-logo*. Seria outra forma do autor em representar a fala do cotidiano. A palavra acabou obtendo o significado de rapidamente e assumindo a função de um advérbio no contexto.

Cheio de sono, os olhos vermelhos pareciam era tinha fumado **diamba**, deixou as mãos à toa revistarem o homem, resmungando, xingando só para ele ouvir. Dosreis nem que mexia nada; quieto, os braços em cima da cabeça, no coração a raiva desse **sungaribengo** do Garrido aumentava, crescia, arreganhava. Apostava quem queria, jurava mesmo, sabia, coxo tinha-lhe queixado... (Vieira, 2006, p.46, grifos nossos)

Ambas as palavras são de origem quimbundo, sendo que *diamba* é a erva da maconha, *marijuana* e, *sungaribengo* é a palavra que denomina mulato, mestiço. O fato de essas palavras ainda estarem sendo utilizadas em 2002 com muita frequência, significa que elas já foram incorporadas ao português angolano, mas são empréstimos.

Com receio, primeiro coisas à toa que não mostravam o que ele queria; depois, os casos da vida sem descobrir trabalho de trabalhar mesmo, só uns biscates nos amigos, arranjar sola rota, tomba, salto, e, quando lhe deixavam, também ia nuns serviços de noite, aí não adiantava ajuntar umas **macutas**. (Vieira, 2006, p.66-7, grifos nossos)

Macutas significa dinheiro, era a antiga moeda de Angola, antes de ser *Kwanza*. A *macuta* foi feita a primeira vez de cobre e possuía os seguintes valores: ½ *macuta*, ¼ *macuta* e 5 réis, atribuindo-se a cada *macuta* o valor de 50 réis. Depois, foram cunhadas *macutas* de prata de diversos valores. Apesar dessa moeda, por falta dela, a economia até 1864 era baseada na permuta de objetos. A atual moeda nacional foi emitida pela primeira vez em 1976 no pós-independência. Desde essa época, foram acrescentadas à palavra *Kwanza* outras nomenclaturas simbolizando as reformas econômicas pelas quais passou o país, ou seja, o *Kwanza* durou até o ano de 1989 sendo substituído pelo Novo *Kwanza* que durou de 1990 até 1995, seguido pelo *Kwanza* Reajustado (1995 a 1999) até a moeda atual que é o Segundo *Kwanza*.

Garrido tinha jurado, nessa hora quando veio, ia sair com resposta de sim ou não. Se sim, para dormir na cama dele; se não, nunca mais lhe falar e procurar matar o **quissonde** que lhe ferrava no peito. Por isso não desistiu *logo-logo*, continuou a conversa a conversa dele, mas mais nada que podia voltar ao princípio. (Vieira, 2006, p.68, grifos nossos)

Quissonde significa formiga vermelha, grande e agressiva, é um empréstimo linguístico da língua quimbundo. Essa formiga é uma das mais temidas entre os africanos porque ela é venenosa. Ela tem em média de 3 a 4 cm. No livro “*Angola – 11 meses de cativo*”, há um relato de que os sequestrados pelo movimento FLEC (portugueses e um angolano) foram picados pela formiga quissonde e tiveram muita febre e até alucinações, sua mordida é muito dolorosa.

Conclusão

Neste artigo tratou-se sobre a luta de um povo para conseguir a sua independência e a conquista da identidade nacional. Muito das transformações na língua portuguesa de Angola foi condicionada pela resistência ao modelo de cultura e de língua que até a independência os angolanos haviam recebido de seu colonizador, então, inserir palavras, estruturas gramaticais e/ou a entonação das línguas nacionais à língua portuguesa era tornar mais nacional a imposição de aceitação de uma língua oficial. O fato de os angolanos concordarem com a oficialidade da língua como objetivo de se manter a paz entre as etnias, não queria dizer que cada um não pudesse deixar a língua do seu jeito, mais angolana. O que se objetivou neste artigo foi analisar as descrições e reflexões da variante angolana.

O que se pode ver com as análises das obras escolhidas é que existe uma língua portuguesa típica de Angola com marcas especiais principalmente no que se refere à morfologia. A história do país e a presença de muitas línguas nacionais convivendo acabaram influenciando a língua oficial do país que era a língua portuguesa. Muitas das mudanças que ocorrerem na língua oficial foram motivadas também pelo período de resistência que o país passou: optar pela comunicação em alguma língua nacional em detrimento da língua portuguesa poderia ser perigoso e gerar ainda mais conflitos civis, sendo assim, a opção de mesclar palavras das línguas banto com usando desinências da língua portuguesa, ajudava as pessoas a ter sua identidade cultural assegurada.

Os objetivos foram atingidos, mas há muito ainda a ser feito pela história de Angola e há muito que ser estudado. Há um campo de pesquisa vasto no país em vários temas e faltam pesquisadores nos campos que envolveram esta pesquisa: literatura, linguística, história. Além de faltar especialistas para as outras áreas de estudos gerais como saúde, educação, economia, política, entre outros.

Referências bibliográficas

CARONE, F. B. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 2006. 9ed.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 3ed. rev.

FONSECA, M. N. S; MOREIRA, T.T (2007). **Panorama das Literaturas Africanas de língua portuguesa**. Disponível em <http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf> Acesso em 05 nov. 2012.

GUIMARÃES, E.. Brasil: um país multilíngue. **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 2, v. 57, p. 22-55, abr./jun. 2005.

NGULUVE, A. K. **Educação Angolana: políticas de reformas do sistema educacional**. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2010.

RIBEIRO, M. G. C (2009). **Morfologia da língua portuguesa**. Disponível em Acesso em 17 nov. 2012.

RIBAS, O. **Dicionário de Regionalismos Angolanos**. Lisboa: Contemporânea, Matosinhos, 1994.

Secco, C. L. T. R. (2011). **Óscar Ribas e as Literaturas da Noite: a exímia arte de <i>Sungular</i>**. *Navegações*, 3(2). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/8441>. Acesso em 20 abr. 2021.

VIEIRA, J. L.. **Luuanda – estórias**. São Paulo: Companhia das Letras: 2006.